

**Carta Econômica
Mensal**



Julho de 2026

Mais Valia
Consultoria & Educação

Rio de Janeiro, 6 de agosto de 2026.

IPCA / DADOS ECONOMICOS / FED

Julho de 2026 manteve o padrão de resultados mistos observado ao longo do ano, ainda em um ambiente marcado por volatilidade elevada e pela persistência da aversão ao risco nos mercados globais. A renda variável doméstica, porém, apresentou desempenho positivo no agregado, beneficiada por uma melhora no fluxo local e por sinais de estabilização do cenário macroeconômico interno. Ainda assim, alguns fundos encerraram o mês com resultados negativos, refletindo diferenças relevantes entre setores e estilos de gestão.

No mercado local, o avanço das ações foi puxado principalmente por empresas ligadas ao consumo e segmentos menos sensíveis ao ambiente externo. Já setores cíclicos e companhias com maior exposição internacional tiveram comportamento mais irregular. Apesar disso, o saldo final da bolsa brasileira em julho foi favorável, contribuindo positivamente para boa parte das carteiras. A renda fixa seguiu como ponto de estabilidade, sustentada por prêmios de juros ainda atrativos e pela busca por ativos de maior qualidade. Títulos indexados à inflação e papéis de crédito corporativo de emissores sólidos continuaram entregando retornos consistentes, reforçando o papel defensivo da classe. O ponto fraco do mês foi novamente a exposição internacional. Os investimentos no exterior apresentaram desempenho negativo, pressionados por movimentos abruptos de aversão ao risco, revisões de expectativas de política monetária global e quedas mais acentuadas em ativos de tecnologia e mercados emergentes fora do Brasil.

Como resultado, as carteiras de nossos clientes em julho exibiram evolução heterogênea. Os melhores desempenhos ficaram com aquelas com maior participação em renda variável doméstica e renda fixa, enquanto portfólios com exposição relevante ao exterior foram penalizados, já que esses ativos foram os principais responsáveis pelos recuos no período.

Renda Fixa	Mês					Ano*
	jul/26	jun/26	mai/26	abr/26	mar/26	
Selic	1,22	1,12	1,07	1,09	1,21	8,31
CDI	1,22	1,12	1,07	1,09	1,21	8,31
CDB (1)	0,72	0,72	0,71	0,73	1,01	6,83
Poupança (2)	0,67	0,67	0,67	0,67	0,67	5,45
Poupança (3)	0,67	0,67	0,67	0,67	0,67	5,45
IRF-M	0,85	0,69	0,68	1,24	-0,59	6,54
IMA-B	0,97	-1,04	0,31	1,81	0,17	5,48
IMA-B 5	1,24	0,22	0,97	1,32	1,39	8,02
IMA-B 5 +	0,75	-2,05	-0,20	2,20	-0,78	3,50
IMA-S	1,23	1,12	1,09	1,09	1,27	8,44
Renda Variável						
Ibovespa	3,47	-1,01	-7,22	-0,08	-0,70	10,30
Índice Small Cap	-0,77	-3,28	-3,66	-3,16	-5,77	-4,75
IBrX 50	3,73	-1,28	-7,48	-0,06	-0,26	11,10
ISE	1,34	0,31	-8,10	-1,64	-2,39	2,10
ICON	-2,78	-1,10	-3,35	-5,27	-5,39	-6,71
IMOB	-8,05	1,79	-3,63	-3,78	-9,36	-2,35
IDIV	3,00	1,79	-7,62	-1,18	-0,23	9,16
IFIX	-0,32	-1,21	-1,33	1,53	-1,06	0,18

Iniciando pelo Brasil, a inflação ao consumidor avançou 0,16% em junho, resultado que surpreendeu positivamente ao ficar bem abaixo das expectativas do mercado, que projetavam alta de 0,31%. Com isso, a variação acumulada em 12 meses do IPCA desacelerou de 4,7% para 4,6%, reforçando um quadro mais benigno para a dinâmica de preços no curto prazo. A composição do índice também veio mais favorável, com moderação em alimentos, serviços e núcleos. A maior parte da surpresa baixista se concentrou na alimentação no domicílio, que recuou 0,39%, influenciada principalmente pela queda em carnes e itens in natura. Esse movimento contribuiu para a acomodação da alimentação fora do domicílio, cuja variação desacelerou de 0,49% no mês anterior para 0,15% em junho, ajudando a explicar parte da surpresa baixista observada nos serviços subjacentes.

Os dados de atividade econômica de maio reforçaram a percepção de perda de dinamismo no início do segundo trimestre. Segundo o IBGE, o volume de serviços recuou 0,4% no mês, ligeiramente abaixo de nossa projeção e da mediana do mercado, após a alta de 1,1% registrada em abril. Com esse resultado, o setor carrega 0,3% para o segundo trimestre, sinalizando um ritmo mais moderado de expansão. A abertura mostrou comportamento heterogêneo: as principais contribuições negativas vieram de transportes (-1,0%), influenciados por quedas em transporte aéreo e armazenamento, e de outros serviços (-1,9%), com destaque para a retração em serviços financeiros. Em contrapartida, houve avanço em serviços profissionais, administrativos e complementares (1,9%), além de crescimento de 0,2% em serviços prestados às famílias, impulsionados pelo segmento de alimentação.

O varejo também apresentou desempenho abaixo do esperado em maio. No varejo restrito, as vendas avançaram apenas 0,1% na margem, com quedas concentradas em supermercados e produtos alimentícios (-1,5%) e em equipamentos para escritório e informática (-1,7%). Na decomposição entre itens ligados à renda e itens dependentes de crédito, o segundo grupo compensou parcialmente o recuo do primeiro, evitando um resultado ainda mais fraco. Já o varejo ampliado, que inclui veículos, materiais de construção e atacado de alimentos, registrou queda de 0,2%, apesar do crescimento observado nas duas primeiras categorias.

Como consequência desse conjunto de indicadores, o IBC-Br, proxy mensal de atividade do Banco Central, avançou apenas 0,1% em maio, influenciado negativamente pelo desempenho da agropecuária. Em linha com esses resultados, o quadro geral sugere que o segundo trimestre deve ser marcado por menor tração da atividade econômica, reforçando nossa expectativa de desaceleração do PIB no período, diante de condições financeiras mais apertadas, moderação do consumo e impactos defasados da política monetária sobre setores sensíveis ao crédito.

No Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias do 3º bimestre de 2026, o governo anunciou uma redução da contenção de despesas, movimento que sinaliza algum alívio na execução orçamentária após meses de maior rigidez fiscal. A decisão reflete tanto a reavaliação das projeções de receitas quanto a necessidade de acomodar gastos obrigatórios que vêm crescendo acima do esperado, em um contexto de pressão estrutural sobre o orçamento. Embora a flexibilização seja limitada, ela indica uma tentativa de calibrar o ritmo de ajuste fiscal diante de um cenário econômico mais fraco, marcado pela desaceleração da atividade e pela moderação recente da inflação. Ainda assim, o quadro fiscal permanece desafiador, exigindo atenção à evolução das receitas recorrentes e ao comportamento das despesas obrigatórias ao longo do segundo semestre, especialmente em um ambiente de maior incerteza sobre o crescimento e sobre a trajetória das contas públicas.

Apesar de sinais mistos na atividade econômica, o mercado de trabalho seguiu resiliente em junho, sustentando o padrão de firmeza observado ao longo do ano. Segundo os dados do Caged, foram criadas 145,2 mil vagas formais no mês, resultado acima das expectativas do mercado e que reforça a capacidade de geração de emprego mesmo em um ambiente de desaceleração. Em nossas estimativas, o saldo ajustado sazonalmente passou de 49 mil para 78 mil, com a aceleração puxada sobretudo pela recuperação do comércio e dos serviços. Ainda assim, a média móvel de três meses recuou para 57 mil, vindo de 87 mil em maio e permanecendo abaixo do nível considerado neutro para a taxa de desemprego, o que indica alguma perda de tração na criação de vagas. Os dados da PNAD Contínua, que abrangem todo o universo do trabalho, também mostraram estabilidade, com a taxa de desemprego atingindo 5,4% no trimestre encerrado em junho, equivalente a 5,5% na série com ajuste sazonal, ligeiramente acima da taxa de abril, de 5,4%. Esse comportamento reflete uma força de trabalho maior, combinada à estabilidade da população ocupada, sugerindo que a expansão do emprego começa a encontrar limites após meses de forte absorção de mão de obra. Além disso, o rendimento médio real recuou 0,4% na margem, indicando perda de impulso na massa salarial, ainda que esta permaneça em patamar elevado.

O resultado primário do setor público consolidado voltou a mostrar deterioração em junho, registrando déficit de R\$ 47,1 bilhões, acima do saldo negativo observado no mesmo mês de 2025, quando o déficit havia sido de R\$ 40,9 bilhões. O desempenho reflete tanto a pressão persistente das despesas obrigatórias quanto a desaceleração das receitas, em um contexto de atividade econômica mais fraca e menor crescimento da arrecadação. A ampliação do déficit também evidencia os desafios enfrentados pelo esforço fiscal ao longo de 2026, especialmente diante da necessidade de acomodar gastos que seguem crescendo acima do ritmo das receitas e da dificuldade de avançar em medidas estruturais de contenção. Embora parte da piora já fosse esperada, o resultado reforça a percepção de que o quadro fiscal permanece pressionado e exigirá maior disciplina na execução orçamentária ao longo do segundo semestre, em meio a um ambiente de menor dinamismo econômico e incertezas sobre a trajetória das contas públicas.

Finalizando as questões locais, o último boletim Focus com posição do dia 31 de julho de 2026, trouxe a previsão do IPCA para 5,03% para o final de 2026, resultado acima do teto da meta estabelecida pelo Banco Central, e com valor abaixo da sondagem do mês anterior. O PIB trouxe um aumento na previsão de 1,99, o mesmo resultado da última sondagem. Com relação a Selic o mercado prevê o número em 13,75% ao final de 2026, resultado inferior a sondagem do mês passado. E por fim o câmbio as previsões do mercado apresentaram projeção igual ao número divulgado no mês anterior de R\$5,20/USD 1.

Focus MEDIANAS DAS EXPECTATIVAS DE MERCADO												
31 de julho de 2026												
	2026				2027				2028		2029	
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comp. semanal*	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comp. semanal*	Hoje	Comp. semanal*	Hoje	Comp. semanal*
IPCA (%) 	5,30	5,12	5,03	▼ (5)	4,18	4,22	4,22	= (1)	3,80	= (1)	3,50	= (48)
PIB (var. %) 	1,99	1,99	1,99	= (5)	1,69	1,60	1,57	▼ (2)	2,00	= (125)	2,00	= (72)
CÂMBIO (R\$/US\$) 	5,20	5,20	5,20	= (7)	5,28	5,29	5,28	▼ (1)	5,30	= (2)	5,39	▲ (1)
SELIC (% a.a.) 	14,00	14,00	13,75	▼ (1)	12,00	12,00	12,00	= (7)	10,50	= (5)	10,00	= (13)
* comportamento dos indicadores desde o último Focus; os valores entre parênteses expressam o número de semanas em que vem ocorrendo o último comportamento. ▲ Aumento ▼ Diminuição = Estabilidade em relação ao Focus anterior												

Boletim Focus: 03/08/2026

Agora falando sobre os EUA, a inflação ao consumidor nos Estados Unidos voltou a surpreender negativamente em junho, trazendo uma leitura mais benigna e reforçando o processo de desinflação em curso. O índice cheio registrou queda de 0,4%, após alta de 0,5% em maio, movimento fortemente influenciado pelo recuo de 5,7% nos preços de energia, que teve impacto decisivo na variação mensal. O núcleo do índice, que exclui alimentos e energia, ficou estável (0,0%), após avanço de 0,2% no mês anterior e abaixo das expectativas do mercado, que projetavam alta de 0,2%. A abertura dos dados mostrou desaceleração disseminada. O núcleo de bens recuou 0,09%, enquanto o núcleo de serviços avançou apenas 0,03%, indicando perda de fôlego ampla entre os componentes mais sensíveis à demanda. Entre os serviços, o item de aluguéis desacelerou para 0,12%, reforçando a tendência de moderação observada nos últimos meses. Também contribuíram para a queda do índice as reduções em seguros de veículos, comunicação, vestuário, serviços médicos e automóveis usados, categorias que vinham exercendo pressão residual sobre a inflação.

Em termos anuais, o índice cheio desacelerou de 4,2% para 3,5%, enquanto o núcleo recuou de 2,9% para 2,6%, ambos reforçando a trajetória de alívio inflacionário. A composição do resultado sugere que os choques recentes associados a tarifas, petróleo e cadeias produtivas continuam tendo impacto limitado sobre a inflação subjacente, ao mesmo tempo em que a inflação de aluguéis segue perdendo força. Apesar da surpresa baixista nos demais componentes de serviços, avaliamos que esse grupo tende a permanecer pressionado, exigindo postura ainda firme do Federal Reserve.

O mercado de trabalho nos Estados Unidos segue exibindo sinais claros de resiliência, mesmo diante de uma economia que vem mostrando perda de fôlego em outros indicadores. Os pedidos iniciais de seguro-desemprego recuaram para 187 mil na semana encerrada em 18 de julho, atingindo o menor nível desde 1969, um marco que evidencia a força da demanda por mão de obra e a baixa rotatividade no mercado de trabalho. Esse resultado reforça a leitura de que, apesar da desaceleração gradual da atividade e da moderação recente da inflação, as empresas continuam relutantes em demitir, sustentando um mercado de trabalho apertado. A combinação de pedidos de seguro-desemprego em níveis historicamente baixos e estabilidade na criação de vagas sugere que a economia americana mantém capacidade de absorção de trabalhadores, mesmo em um ambiente de condições financeiras mais restritivas.

O Federal Reserve manteve a taxa de juros no intervalo de 3,50% a 3,75% na reunião de julho, preservando uma postura de cautela enquanto avalia a evolução recente da inflação e da atividade econômica. A decisão reflete o entendimento de que, embora o processo de desinflação tenha avançado, o mercado de trabalho continua resiliente e alguns componentes de serviços ainda exibem pressões persistentes, o que justifica prudência na condução da política monetária. Na coletiva, Kevin Warsh manteve o tom cauteloso e reforçou sua preferência por uma comunicação com pouca sinalização futura (forward guidance), defendendo que os mercados devem formar suas próprias avaliações sobre a trajetória da economia e dos juros. Segundo ele, o Fed deve evitar indicar movimentos futuros de forma explícita, preservando flexibilidade e reforçando a dependência dos dados como guia para decisões subsequentes.

O Banco Central Europeu manteve a taxa de juros em 2,25%, mas sinalizou que o ciclo de aperto monetário ainda não está encerrado, deixando em aberto a possibilidade de novas altas nas próximas reuniões. A decisão reflete o equilíbrio delicado entre uma inflação que segue acima da meta em partes da zona do euro e sinais de desaceleração da atividade, especialmente na indústria e no consumo. Ao optar por manter a taxa estável, o BCE busca avaliar se a recente moderação dos preços será suficiente para consolidar a convergência da inflação ao objetivo de 2%. No entanto, ao não descartar novos aumentos, a instituição reforça que permanece vigilante diante de pressões inflacionárias persistentes, sobretudo em serviços, e que a política monetária pode voltar a endurecer caso os dados futuros indiquem risco de reaceleração.

A desaceleração econômica da China no segundo trimestre ficou evidente nos dados divulgados, marcada por um descompasso entre a demanda interna e externa. O PIB cresceu 4,3% entre abril e junho, abaixo da expectativa de 4,5% e do ritmo observado no primeiro trimestre (5,0%), reforçando a perda de fôlego da atividade doméstica. Apesar disso, junho trouxe sinais pontuais de melhora na produção industrial que avançou 5,3% na comparação anual, acima dos 4,5% de maio, e as vendas no varejo cresceram 1,0%, revertendo a queda de 0,1% do mês anterior. Por outro lado, os investimentos em ativos fixos seguiram como o principal ponto fraco, acumulando retração de 5,7% no primeiro semestre, refletindo o ajuste prolongado no setor imobiliário e a cautela das empresas diante de um ambiente de menor confiança.

Recomendações:

A publicação da Resolução CMN nº 5.272/2025 consolidou um novo marco regulatório para os Regimes Próprios de Previdência Social (RPPS), alterando de forma profunda a lógica de alocação de recursos e reforçando a governança como elemento central do processo decisório. Para os RPPS que ainda não possuem a certificação Pró-Gestão ou que se encontram no Nível I, as restrições impostas pela norma continuam representando desafios relevantes, sobretudo no que diz respeito à rentabilidade e à capacidade de diversificação das carteiras. Os limites mais rígidos de alocação reduzem o acesso a segmentos que historicamente contribuíam para melhorar o retorno ajustado ao risco, mantendo esses investidores mais dependentes do comportamento da curva de juros.

No contexto de julho de 2026, marcado pela manutenção da volatilidade nos mercados e pela continuidade do ciclo de flexibilização monetária, após o corte de 0,25 p.p. que levou a Selic para 14,25%, as restrições regulatórias ainda não geram perdas imediatas. Contudo, preservam o risco de comprometimento da rentabilidade caso o fechamento da curva não se consolide, especialmente nos vértices médios e longos. Sem acesso a instrumentos mais sofisticados ou diversificados, as carteiras tendem a permanecer concentradas em renda fixa tradicional, com menor potencial de ganho real no longo prazo. Nesse ambiente, o monitoramento ativo das flutuações da taxa de juros segue essencial.

Mesmo com alternativas limitadas, a gestão pode buscar ganhos táticos por meio de fundos de índices de renda fixa compostos exclusivamente por títulos públicos federais, tais como Fundos IMA, que permitem exposição a diferentes vértices da curva; Fundos IRF-M, sensíveis ao fechamento das taxas prefixadas; Fundos IDkA, que replicam curvas específicas de juros e possibilitam posicionamento tático.

A utilização desses fundos permanece como uma das poucas estratégias disponíveis para mitigar o impacto das restrições regulatórias sobre a rentabilidade, lembrando que todos devem ser 100% compostos por títulos públicos federais.

Para os demais RPPS, julho manteve a dinâmica observada ao longo do primeiro semestre: juros ainda elevados, inflação sob vigilância, com o IPCA de julho avançando 0,16% e acumulando 4,6% em 12 meses e um ambiente global complexo, permeado por incertezas geopolíticas e pelas decisões de política monetária nos Estados Unidos. Esse conjunto de fatores reforça a necessidade de postura prudente na alocação dos recursos, especialmente para aqueles classificados no Pró-Gestão Nível 2, que não possuem autorização normativa para investir no exterior.

No segmento de renda fixa, para RPPS com Certificação Pró-Gestão níveis 2, 3 e 4, as recomendações seguem alinhadas ao ambiente econômico atual. As NTN-Bs continuam oferecendo remuneração real elevada, consolidada no patamar de IPCA +7% ao ano, acima do teto da meta atuarial padrão (IPCA +6%). Esse nível de taxa proporciona ganhos expressivos com volatilidade controlada, sobretudo para investidores que adotam estratégia de carregamento até o vencimento. É essencial observar rigorosamente as limitações impostas pela Resolução CMN nº 5.272/2025 para aquisição direta de títulos públicos. Para clientes com restrições operacionais, a recomendação permanece a exposição por meio de fundos vértices, que preservam a aderência à tese de investimento, oferecendo liquidez e diversificação.

Na parcela indexada à inflação, os fundos IMA-B continuam apresentando excelentes oportunidades. Esses veículos capturam de forma eficiente os retornos das NTN-Bs por meio de gestão ativa, ajustando duração e exposição conforme a dinâmica da curva de juros, mantendo perspectivas favoráveis para o restante de 2026. A combinação entre proteção contra a inflação e flexibilidade tática reforça o papel desses fundos na composição dos portfólios dos RPPS, especialmente em um ambiente de transição gradual e cautelosa da política monetária.

Títulos Públicos Federais										31/Jul/2026
Papel IPCA		NTN-B -				Taxa (% a.a.)/252				
Código SELIC	Data Base/Emissão	Data de Vencimento	Tx. Compra	Tx. Venda	Tx. Indicativas	PU	Intervalo Indicativo			
							Mínimo (D0)	Máximo (D0)	Mínimo (D+1)	Máximo (D+1)
760199	15/07/2000	15/08/2026	14,6493	14,3118	14,4498	4.852,137621	13,6112	16,2081	13,5048	16,1221
760199	15/07/2000	15/05/2027	8,0787	8,0471	8,0600	4.732,270009	7,8553	8,4350	7,8245	8,4074
760199	15/07/2000	15/08/2028	8,4963	8,4691	8,4820	4.664,473816	8,2710	8,7300	8,2383	8,6970
760199	15/07/2000	15/05/2029	8,2550	8,2269	8,2400	4.557,557689	8,0019	8,4985	7,9615	8,4580
760199	15/07/2000	15/08/2030	8,3105	8,2823	8,2955	4.524,610095	8,0421	8,5529	7,9966	8,5074
760199	15/07/2000	15/05/2031	8,2654	8,2343	8,2470	4.411,009636	8,0112	8,5152	7,9476	8,4517
760199	15/07/2000	15/08/2032	8,2497	8,2157	8,2358	4.398,072372	8,0103	8,4988	7,9448	8,4335
760199	15/07/2000	15/05/2033	8,2315	8,2031	8,2199	4.287,600749	8,0155	8,4873	7,9440	8,4159
760199	15/07/2000	15/05/2035	8,1317	8,1047	8,1190	4.209,389325	7,9354	8,3906	7,8555	8,3107
760199	15/07/2000	15/05/2037	7,9737	7,9371	7,9534	4.171,227004	7,7804	8,2229	7,6993	8,1418
760199	15/07/2000	15/08/2040	7,8572	7,8283	7,8421	4.168,899339	7,6737	8,1016	7,5991	8,0271
760199	15/07/2000	15/05/2045	7,6836	7,6528	7,6664	4.057,522250	7,5101	7,9267	7,4326	7,8491
760199	15/07/2000	15/08/2050	7,6714	7,6390	7,6575	4.051,207690	7,4947	7,9055	7,4286	7,8393
760199	15/07/2000	15/05/2055	7,5930	7,5458	7,5695	3.972,062355	7,4047	7,8132	7,3429	7,7512
760199	15/07/2000	15/08/2060	7,5803	7,5396	7,5591	4.009,304987	7,3859	7,7935	7,3337	7,7410

O segmento de renda variável apresentou novamente forte volatilidade ao longo de julho, refletindo saída de capital estrangeiro, pressões inflacionárias internas e sensibilidade aos ruídos geopolíticos. Embora a intensidade da correção tenha sido menor que a do mês anterior, o ambiente continuou desafiador. Ainda assim, a relação entre preço e lucro das empresas brasileiras permanece em patamares historicamente baixos, indicando que parte relevante do prêmio de risco já está incorporada e que o índice segue competitivo em termos relativos. A defasagem em relação a outros mercados emergentes mantém espaço para oportunidades seletivas, embora exija maior critério na escolha dos papéis. Diante desse contexto, a recomendação segue sendo a de realizar alocações em renda variável de forma gradual e equilibrada, acompanhando o ritmo do ciclo de flexibilização monetária e a estabilização dos choques globais.

No cenário internacional, julho marcou uma deterioração do ambiente externo, com a intensificação da disputa entre Estados Unidos e Irã e a volta das tensões no Oriente Médio. A escalada geopolítica aumentou a aversão ao risco global, trazendo piora no humor dos mercados e pressionando ativos internacionais. Os setores ligados à tecnologia e inteligência artificial, que vinham liderando os ganhos ao longo do primeiro semestre, foram particularmente afetados pela correção, refletindo tanto o aumento da volatilidade quanto a reprecificação de expectativas de crescimento em meio ao ambiente mais incerto. Para os RPPS classificados nos Níveis 3 e 4 do Pró-Gestão, a exposição internacional voltou a demonstrar sua eficiência regulatória, atuando como importante vetor de diversificação, desconexão cambial e proteção patrimonial em períodos de maior estresse doméstico e global. Mesmo diante da piora conjuntural, esses portfólios mantiveram papel estratégico na redução do risco agregado, reforçando a relevância da alocação internacional dentro dos limites normativos.

Por fim, considerando a continuidade do ciclo de queda da Selic, as aplicações em fundos atrelados ao CDI seguem como alternativa de liquidez e composição tática de curto prazo em direção ao atingimento da meta atuarial. Embora o retorno nominal desses fundos tenda a recuar gradualmente com o ajuste dos juros básicos, eles ainda entregam patamares robustos o suficiente para dar suporte ao cumprimento das metas atuariais ao longo de 2026, especialmente quando combinados estrategicamente com carteiras de renda fixa indexadas à inflação (NTN-Bs) e com posicionamento fracionado em renda variável.



Ronaldo Borges da Fonseca

Economista
Consultor de Valores Mobiliários

Disclaimer

Este documento foi preparado para uso exclusivo do destinatário, não podendo ser reproduzido ou distribuído por este a qualquer pessoa sem expressa autorização da Mais Valia Consultoria. As informações aqui contidas são somente com o objetivo de contribuir para o entendimento e não representa, em nenhuma hipótese, uma oferta de compra e venda ou solicitação de compra e venda de qualquer valor mobiliário ou instrumento financeiro. Trata-se apenas de uma opinião que reflete o momento macroeconômico da análise e são consubstanciadas em informações coletadas em fontes públicas e que julgamos confiáveis. A utilização destas informações em suas tomadas de decisão e consequentes perdas e ganhos não nos torna responsáveis diretos ou indiretos.